

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu não lembro onde foi que eu parei.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Em relação ao pai da Cida.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ah, sim. Então assim, a mãe da Cida, ela fala, mas assassinar o pai da Cida pra mim é uma coisa incompreensível, não tem jeito, sabe, (Trecho Incompreensível). Então é isso, né, chega lá, ver os irmãos dela, a mãe dela, sabe, a pessoa de uma dignidade, sabe, a mãe dela. Ô gente, uma mulher ficar num lugar daquele, sabe, qualquer ser humano. Lá é inóspito, sabe, aquele despenhadeiro, aquele sofrimento, pra entrar e sair de um lugar daquele ali é uma coisa muito difícil. Morrer por causa daquilo. E lá é perto da onde eu te falei, que ocorreu a queima das casas no dia de Sexta-feira da Paixão. Aí quando foi, aliás, só um detalhe, quando foi na outra Sexta-feira da Paixão, do ano seguinte, o mesmo cara foi num outro lugar, no município de Arinos, e fez a mesma coisa.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Sempre na Sexta-feira da Paixão.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É muita, quer dizer, é uma coisa assim, que o cara fez pra marcar, né, intenção, assim, de marcar. (Trecho Incompreensível). Então é isso.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Entendi. Sobre a questão do Incra e da Ruralminas diante desses conflitos.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, a posição do Incra, assim... primeiro é que algumas pessoas que estão dentro do Incra, fica muito claro pra gente, com o passar do tempo, que tem algumas pessoas muito comprometidas com esse assunto de querer realmente atuar pra fazer desapropriação, pra fazer reforma agrária, mas tem muita gente também que eles parecem que eles estão ali é pra atrapalhar, tá ali é pra não permitir as coisas acontecerem, sabe? Eu entendo que tem um grupo deles, dos funcionários públicos, concursados, que tem uma postura de funcionário público, de operadores do direito, de operadores do espaço do estado, mas tem funcionário público que tá ali é com outro objetivo, sabe? Então assim, tinham alguns grupos, por exemplo, de auditores, que iam lá fazer perícia do imóvel, que sempre a perícia dele era feito conforme a realidade, mas teve perito que foi fazer, que mascarou o processo para impedir desapropriação. Por exemplo, a Fazenda Estrela não foi desapropriada por causa disso. Eu lembro que o Jafé...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Jafé Abraão?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Jafé Abraão, ele estava na superintendência do Incra, e eu falei com ele que eu queria abrir um processo administrativo contra uma pessoa que tinha vistoriado a fazenda Estrela, por quê? Porque ele colocou que lá tinham 11 açudes, falei: “Ô Jafé, vamos fazer uma coisa? Vamos lá comigo, pra você ver que lá não tem 11 açudes?”, o cara falou que lá tinha 1.200 hectares de pastagem. Eu falei: “Vamos lá comigo que eu vou te provar que não tem, lá tem uma pastagem, sim, mas o máximo que ela pode chegar é 150 hectares”. O cara falou que lá tinha um monte de coisas, de casas, essas coisas de benfeitorias, e de gado, de um monte de coisa. Eu, vou te falar, assim, coisas que eu não acredito nelas. Eu não acredito que um funcionário público faz uma coisa dessas sem corrupção. O que mais me deixa triste e chateado é que uma pessoa faz uma coisa dessa, ela impede o desenvolvimento da comunidade e com ela não acontece nada. Absolutamente nada! Então assim, é claro que a gente reconhece e valoriza os profissionais que tem postura profissional mesmo, e tem postura com a sociedade. Mas uma pessoa como essa, então, atrapalha demais, e isso prova pra gente que dentro dos órgãos públicos tem muita coisa ruim, e não é só político não.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Entendi.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não são apenas os políticos. Agora, aconteceu o quê com esse rapaz? Nada. Nada. Então assim, o quê que a Ruralminas fez? Eu não conheço o trabalho da Ruralminas, pelo menos aonde eu andei, alguma coisa que a Ruralminas tenha feito para os assentamentos. Eu gostaria que, só se foi trabalho invisível, se ela faz trabalho invisível, porque, como serviço concreto, eu não conheci nada. De vez em quando eles vinham aqui, fazia reunião conosco, discutia, discutia, discutia... mas eu nunca vi nada feito pela Ruralminas dentro dos assentamentos. O Incra, por pior que ele foi em algumas coisas, mas se não fosse o trabalho dos técnicos do Incra, não tinha esse tanto de assentamento que tem aí. Então o grupo que tá lá, que é comprometido com a sociedade, ele é muito maior do que um grupinho ruim, do mal, que tá lá, sabe? Mas é um grupo menor, mas ele existe também. A gente não pode subestimar, porque geralmente as pessoas que são do mal, geralmente elas fazem um estrago danado na vida dos outros. Não, não percebi naquela época, não tinha, que eu atuei mais com isso, não existia (Trecho Incompreensível) que foi criada aí, eu não percebo que ela tá dando conta de resolver as coisas para melhorar.

Se tá, gostaria até de saber aonde, porque a coisa tá toda parada. Pra mim, o governo Dilma, e o governo Lula, o que eles fizeram foi recuar na reforma agrária, e quero te falar que eu ajudei a criar o PT. Pra mim, que ajudei a criar o PT, pensando na reforma agrária, é uma tremenda frustração, sabe, uma tremenda frustração! Eu fico frustrado de falar uma coisa dessa. Concordo que o governo avançou nas outras áreas, em algumas outras, em algumas outras. Mas na questão da reforma agrária o Fernando Henrique Cardoso foi melhor. Eu tô sendo sincero, eu tô falando aqui com o olhar de quem tá convivendo com a realidade.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então haviam avaliações, né, feito por agentes do Incra, né, que por vezes eram reais e por vezes mascaravam, por exemplo, a presença de posseiros ou de características da propriedade que tornariam ela motivo para desapropriação.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Passível de ser desapropriada.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Desapropriada.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Por exemplo, colocava ali benfeitorias que não existiam.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum. Pra justificar a produtividade que tinha uma função.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Entendi. Há alguma situação a mais de ameaça ou de atuação de agente público ou de algo em relação ao sindicato, ou assassinato, que o senhor gostaria de...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não. Eu, a única coisa, assim, que eu gostaria, assim, pra fazer o fechamento da nossa conversa, é o seguinte: eu acho que é muito difícil mudar para uma sociedade melhor, porque as forças contrárias têm muito mais poder, sabe, tem hora que eu fico até achando que a gente não é bem certo da cabeça. Acho que a gente é meio doido de querer ajudar a construir um país sem fome, sem pobreza, sem miséria, sabe? Parece que a gente não, fica parecendo um ser estranho, porque as forças, vamos dizer assim, antagônicas a isso, que quer o Brasil numa pirâmide, aonde quem tem muito continua tendo

mais e quem não tem nada continue tendo menos, olha o quê que está acontecendo agora em Brasília com essas reformas. Eu acho, assim, isso muito difícil, sabe? Eu tô com 61 anos, não me arrependo de ter lutado pela reforma agrária, vou te falar dois casos que para mim eles são importantes. Só duas coisas, que eu conheço muitos, mas tem dois casos que pra mim são importantes. Um dia eu estava na cidade de Arinos, indo a pé para o sindicato... ah, aliás, tem uma outra coisa também que depois eu quero falar.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Três.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Eu estava indo pro sindicato e encontrei com um negão altão, chama Antônio. “E aí, Antônio, tudo bem?”, ele olhou pra mim, assim, sabe, abaixou a cabeça, pensei assim: “Será que ele tá doente?” “Hein, Antônio? Cê tá bom?”, ele continuou de cabeça baixa, assim, aí eu bati nele assim, falei: “Você tá sentindo alguma dor? Alguma coisa?”, ele falou: “Não”, e começou a chorar, sabe? “O quê que foi, Antônio?”, “Ah, Rômulo, meu patrão ficou sabendo que eu participava das reuniões do sindicato e me mandou embora, e eu não consigo emprego em lugar nenhum mais. O último grãozinho de arroz que tinha lá em casa nós comemos ontem. Eu tô até agora sem comer nada. Meus filhos em casa, tudo com fome. Cê já pensou, Rômulo, um homem igual eu, que trabalho, eu sou muito trabalhador, sou produtivo, não consigo encontrar trabalho porque meu patrão ficou sabendo que eu participava da reunião do sindicato”. E como eu estava indo pro sindicato, eu fiquei morrendo de vergonha, mas vergonha, assim. Falei: “Meu Deus!”. Aí falei: “Vamos fazer uma coisa? Cê tá indo aonde?” “Tô indo em tal lugar”, “Então tá, então depois que cê voltar cê passa lá no sindicato que nós vamos discutir umas coisas lá”. Aí quando voltou, fizemos um trabalho para ocupar uma fazenda que já tinha sido decretada a desapropriação dela, o assentamento mimoso. Lá em... cê sabe?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: A gente tem documentação sobre isso.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pois é, lá no Mimoso. Preparamos pra entrar pra lá. Aí eles entraram, sem autorização do Incra, e o Antônio foi o primeiro a ir. Ele falou que, o pessoal: “Não, Antônio”, falou assim: “Não, eu vou esperar vocês lá dentro, porque a minha família tá passando necessidade”.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Aquele moço que você conversou chama Antônio?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Esse que eu conversei, é o mesmo. Aí quando tinha uns quatro meses, no máximo seis meses que eles estavam lá, eu estava na casa da dona Maria, que dona Maria foi assentada lá também e ela ficou mais no centro lá do assentamento. Eu estava lá e tô vendo que está vindo uma carroça, um menininho sentado na carroça e um cachorro atrás e tal, falei: “Uai, dona Maria, carroça aqui no assentamento?”. “E!”, falei: “Quem é aquele lá?”, “Antônio”, “Qual Antônio?”, ela me contou, ele assobiando em cima da carroça e tal, “Oi, Rômulo”, desceu da carroça e veio, me deu um abraço, sabe, e foi embora.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso foi em qual época?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Escuta bem. Escuta bem. Falei: “Dona Maria, mas Antônio já comprou carroça?”, “Esse homem não bate bem da cabeça não. Cê acredita que ele chegou aqui, tinha umas madeiras já tiradas aí, ele foi juntando madeira, juntou madeira pra vender pra serraria lá em Arinos, (Trecho Incompreensível) tinha sido cortada lá. E se você for lá na casa do Antônio, você vai ficar impressionado! Aquilo lá, ele plantou em volta da casa dele todinha! Se você ver o tamanho da horta que ele fez lá! E ele comprou essa carroça porque ele enche essa carroça de produto da horta, leva pra cidade e vende. E ele vendeu as madeiras pra comprar coisas pra ele ter condição de continuar trabalhando aqui, ele comprou essa carroça pra ele levar as coisas pra cidade e vender”. E aí quando eu vi o Antônio indo embora na carroça, cantando, sô, quer dizer, aquele homem que estava chorando, passando fome tinha tão pouco tempo, ele andava nessa situação. O outro é Nascimento, lá em Fruta Dantas.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas o Antônio foi em que época?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ah, deve ter sido, foi aí entre 86, entre 87, 87, 88. É, deve ter sido 88. O outro foi o Nascimento. O Nascimento era empregado do grupo Votorantim lá em João Pinheiro, empregado do grupo Votorantim. Pegou, surgiu a desapropriação de Fruta Dantas, ele foi pra Fruta Dantas. Chegou lá em Fruta Dantas, quando tinha já alguns, mais ou menos um ano que ele estava lá, o gerente lá da fazenda lá do grupo Votorantim foi lá atrás dele para ele, chegou lá e falou, foi o Nascimento que me falou, chegou lá e chamou o Nascimento para ir lá trabalhar pra ele. Eu falei: “O quê que cê falou pra ele, Nascimento?”

ele falou “Ô Rômulo, eu falei pra ele assim: ‘ó, vamos combinar outra coisa? Quanto que cê quer pra vir trabalhar pra mim ao invés de eu ir trabalhar para você? Se for pra pagar o mesmo que cê tá querendo me pagar lá, eu mesmo pago você aqui, eu já tenho condição de te pagar”, tinha um ano e pouco que Nascimento estava na Fruta Dantas, um ano e pouco. E ele tá lá até hoje. Então assim, do ponto de vista da fome, a reforma agrária consegue resolver. Do ponto de vista da pobreza, ela consegue resolver. Ela consegue mudar a cabeça do trabalhador. O trabalhador antes de ir pra terra é uma coisa, depois que ele vai fica até meio arrogante, “porque agora eu mando nesse pedaço aqui”, que antes você não tem poder de nada, de repente ele tem um poderzinho. Ele muda psicologicamente também. Não acho isso ruim, acho bom. Então assim, eu tô contando só esses dois casinhos.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E o terceiro?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O terceiro é a respeito das mulheres. A respeito das mulheres. Porque a Cida, pra mim, foi um grande exemplo. Começa com minha mãe. Minha mãe foi um grande exemplo. Se não fosse ela, ela mesmo ela passado aquela miséria toda, aquela desgraça toda que ela passou na vida dela, ela não largou os filhos, a minha mãe. E a Cida é uma mulher, que vendo o pai assassinado, vendo a mãe toda cheia de bala, continuou no sindicato. Essa coisa mexeu profundamente comigo, sabe? E aí nós fizemos um trabalho para as mulheres no noroeste de Minas, para as mulheres assumirem as direções dos sindicatos. Se você ver o quê que a dona Maria fez na época da constituinte em 88. A Lia. Dona Elza. Então nós, aonde era um espaço totalmente masculino, nós começamos um trabalho para ser ocupado também pelas mulheres, acreditando que elas têm coisas que o homem dá conta de fazer mais do que as mulheres, eu acho que sim. Por exemplo, carregar peso. Acho que a estrutura física masculina ela é diferente da mulher. Mas em termos de capacidade de raciocínio, exercício de liderança, aí eu acho que as mulheres têm condição, sim, de ser firme, consistente em muitos casos, muito mais do que os homens, sabe, porque... a luta pela reforma agrária no noroeste de Minas tem um traço também de atuação das mulheres, que foi uma coisa diferente de outras regiões, mas por quê? Porque eu, a Sônia e o Eduardo, que trabalhou aqui na Fetaemg, morreu recentemente...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O Pelé?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Conversei com ele.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Um mês antes, inclusive. Ele me ligou, inclusive. Eu não esperava não.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Então assim, nós percebemos que havia necessidade de trazer as mulheres, sabe? Teve muita gente que foi contra, teve muita gente que foi contra, é verdade. Teve gente que foi contra. Mas nós resolvemos apostar nas mulheres. E a Sônia ajudou muito nisso, a Sônia. A Cida, essa coisa da Cida ter sido presidente do sindicato, isso encorajou muitas outras mulheres, sabe? Então esse outro, outra coisa que eu queria te falar.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Que é importante destacar, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É importante destacar, não tem jeito de você falar da luta da reforma agrária no noroeste de Minas sem falar das mulheres. Se isso acontecer, é um pedido que eu vou te fazer, tenta ajudar pra não deixar isso acontecer. Que elas tiveram uma atuação muito importante nesse processo, sabe? Só isso.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Tá bom. Tudo bem? Muito obrigada, Rômulo, pelo depoimento. Depoimento encerrado às 4:44 do dia 14 de julho. Obrigado, viu.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Vontade de escrever um livro a respeito. Tem um homem lá no noroeste de Minas...